

Coluna do Castello

O primeiro debate de nove candidatos

A pesar de não ter havido *tempo quente*, como seria do gosto da platéia, foi bastante razoável o programa da TV Bandeirantes que reuniu nove candidatos a presidente da República para um debate sob a batuta competente de Marília Gabriela e a participação de jornalistas da emissora e de outros órgãos de divulgação. Não houve novidades em matéria de idéias e de colocação de temas, mas os candidatos apresentaram-se alertas para a defesa das respectivas propostas. Brizola e Freire provocaram alguma emoção, o primeiro ao cutucar o ruralista Ronaldo Caiado e o segundo ao procurar identificar como conservador o trabalhista Afonso Camargo, como se o contraste com sua própria posição fosse algo de inaceitável. Caiado reagiu com firmeza, dando o troco à agressão e mostrando-se um debatedor voluntarioso e inteligente, pronto tanto para a paz como para a guerra. Camargo foi sereno e racional.



Os membros da mesa redonda indicaram desde o início o senador Mário Covas como o alvo predileto, dada a ausência de Collor e de Ulysses. Ele era o preferido para as perguntas, embora só um pudesse interpellá-lo e, no curso da sessão, deve ter tido maior número de intervenções do que os demais. Saiu-se bem, embora ficasse na defensiva quanto à curiosidade pelo seu "choque capitalista" e teria sido melhor se sua dicção não fosse dominada pelos graves excessivos que o tornam freqüentemente inaudível. Carecia de sinais não para os surdos, alvo de atenção eleitoral do deputado Afif Domingos, mas para os que ainda ouvem razoavelmente bem.

Lula, Roberto Freire e Ronaldo Caiado foram os mais nítidos e os mais claros, embora o candidato do PT pudesse melhorar seu desempenho na televisão se fizesse um curso de impostação de voz, coisa que já não ajudaria o irreparável senador Covas. Brizola foi sem dúvida o mais aguerrido, embora o tipo de debate não lhe permitisse explicitar melhor sua tese das "perdas internacionais" nas quais situa a causa principal da inflação e dos males da nossa economia. Para os que não estão habituados ao raciocínio do ex-governador, a alusão a essa causa não foi um tema claramente inteligível. A agressividade, componente do estilo Brizola, teve algumas irrupções, mas evidentemente estava azeitada para alvejar o ausente Fernando Collor.

Aureliano Chaves atuou com pouco entusiasmo, revelando-se algo embaraçado com as alternativas que lhe eram oferecidas pelo debate. Ele tem suas idéias claras mas não estava num dia especialmente feliz para expô-las e sua participação não revelou engajamento maior numa campanha para a qual pode não estar tão motivado quanto desejaria. Maluf e Afif apresentaram-se com são, o primeiro algo petulante, com excessiva autoconfiança, e o segundo insinuante e oportunista. Todos estavam preparados e atentos às alternativas que podem emergir no confronto a que se submeteram. Em matéria de posições, pode-se dar como certo que, eleito qualquer um dos nove participantes, o Brasil suspenderia o pagamento da dívida externa, seja para fazer auditoria seja para rejeição de um ônus que todos consideram insuportável pelo país.

Resta dizer algo sobre Ulysses e Collor, cuja ausência era frisada a cada intervalo por Marília Gabriela e foi alvo de reparo expresso da parte de Brizola. A presença de ambos poderia ter alterado a natureza do confronto, sobretudo pela sede generalizada no personagem que ameaça roubar o espetáculo. Collor na mesa redonda teria alterado tudo e seriam inevitáveis as emoções do seu *tête-à-tête* com Brizola. Seria para ele interessante esse duelo? Não conheço pesquisas de audiência mas esse primeiro debate despertou interesse nacional e pode marcar ponto em favor de seus participantes. Mas se houve erros, ainda é tempo de repará-los. Ulysses provavelmente não seria agredido e terá perdido a oportunidade de receber algumas homenagens, se essas coisas o confortam.

Os jornalistas comportaram-se corretamente, apesar da inesperada emoção com que José Augusto Ribeiro discursou em favor da causa da Petrobrás. Eles deram a outros temas acesso a um debate que se fixava excessivamente na inflação, na dívida externa, na dívida interna e nos modelos econômicos. Notável o esforço do *Correio Braziliense*, que, na sua edição de ontem, publicou na íntegra os debates.

Ulysses e Arraes

Ulysses Guimarães pretende levar as idéias contidas na carta que lhe dirigiu o governador Miguel Arraes a um exame conjunto dos seus assessores, de secretários da Fazenda e do próprio governador. As objeções de Arraes são de fundo e, se aceitas, alteram a postura do candidato. Propôs ele prioridade para a "questão nacional" e para a "questão popular", ou seja, para a modernização não do capitalismo, mas do Brasil, que deve ser o centro dos programas de desenvolvimento, e para o resgate da dívida social, sem o que o povo não participa dos proveitos do crescimento.

Carlos Castello Branco